

Indústria portuguesa rima com investimento alemão

As fábricas instaladas em Portugal por grupos alemães continuam a investir. Vieram para ficar e criam trabalho

Autoeuropa, Mercedes, Siemens, Bosch, Leica, Continental Mabor e várias empresas das indústrias metalúrgicas e têxteis — entre outras — mostram que o investimento direto alemão concretizado em Portugal é um dos mais estruturantes, dos maiores criadores de postos de trabalho e que continua a reinvestir a longo prazo. Do lado das exportações portuguesas para a Alemanha, o percurso também tem sido ascendente, pois passou das 2854 empresas exportadoras em 2012 para 3096 exportadoras em 2016. A Alemanha é o terceiro maior cliente da economia nacional, comprando 10,7% das exportações portuguesas efetuadas de janeiro a julho de 2017 (Espanha é o primeiro e França o segundo), e as importações de bens e serviços alemães representam o segundo maior mercado fornecedor de Portugal (com 13% das importações).

Apesar dos veículos automóveis liderarem os produtos portugueses mais exportados para a Alemanha, em 2016 registaram uma quebra de 20,4% no montante exportado, face ao ano anterior. E de janeiro a julho de 2017 voltaram a cair 20,3% em relação a igual período de 2016. Mas o novo veículo que a Autoeuropa vai produzir — o T-Roc — deverá contribuir para um crescimento “visível” do PIB português em 2018.

Por montante de Investimento Direto Estrangeiro (IDE), os 1,88 mil milhões de euros registados no final de 2016 como valor (*stock*) do investimento alemão em Portugal eram inferiores em 371 milhões de euros ao valor registado no final de 2015. No final de junho de 2017 o IDE alemão também registou uma queda de 23,3% face a igual mês de 2016.

Por regiões, e indo ao coração do Vale do Ave, Famalicão impõe-se como o terceiro concelho mais exportador do país puxado pela fileira têxtil e por um grupo de empresas alemãs onde se destaca a Continental Mabor que acaba de inaugurar uma nova unidade, dedicada à produção de pneus agrícolas, num investimento de 50 milhões de euros. A fábrica de Lousado (Famalicão),

com quase dois mil trabalhadores, vendas de 830 milhões de euros para 64 países, indicadores de produtividade que são uma referência para a multinacional alemã a que pertence e um lugar no grupo dos cinco maiores exportadores nacionais, deverá criar 200 novos postos de trabalho até ao final do ano.

Também em Famalicão, mas nos têxteis técnicos, a Olbo & Mehler, do grupo alemão Kap, está a investir e a crescer. Presidida pelo português Alberto Tavares, a empresa quer faturar 65 milhões de euros em 2020, mais 15% do que os 57 milhões esperados este ano. Aqui, a aposta na melhoria contínua e na Investigação e Desenvolvimento permitiu alargar a produção — dedicada às telas para transporte da indústria mineira — a novos produtos como um tecido em aramida para coletes à prova de bala ou um têxtil em basalto tratado que resiste a temperaturas superiores a 800 graus centígrados.

Nova unidade da Bosch em Ovar, inaugurada esta semana por Marcelo Rebelo de Sousa, vai contratar 240 trabalhadores até março de 2018

A centenária marca de máquinas fotográficas Leica, em Portugal desde os anos 1970, também apostou neste concelho para a sua única fábrica fora da Europa. Nessa unidade, investiu há 3 anos 20 milhões de euros em novas instalações, confiante “na excelente qualidade dos recursos humanos locais”, como explicou, na altura, a administração da empresa.

Metalurgia emprega 10 mil

Na indústria metalúrgica, o investimento alemão também tem um peso significativo. “Representa 10 mil trabalhadores, investimento contínuo e músculo nas nossas exportações”, sublinha Rafael Campos, vice-presidente executivo da AIMMAP-Associação dos Industriais Metalúrgicos, Metalomecânicos e Afins de Portugal. Para esta força contribuíram empresas

como a Grohe, que entrou em Portugal com capital alemão e é apontada como a maior e melhor fábrica de torneiras da Europa — recentemente comprada por um grupo japonês. Mas existem outros nomes menos conhecidos dos portugueses. É o caso da Groz Beckert, especializada em agulhas para vários fins, ou da Mahle, especialista em segmentos para a indústria automóvel, fornecedora das principais marcas, incluindo veículos que correm na Fórmula 1 e nas 24 horas de Le Mans.

Entre as fábricas de Braga, Ovar e Aveiro, onde emprega 4 mil pessoas, o grupo Bosch tem, também, marcado a sua presença centenária em Portugal com investimentos contínuos que têm, como exemplo mais recente, a nova área produtiva da unidade de Ovar, inaugurada esta semana pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. É um investimento de 2,9 milhões de euros que permite expandir a atividade no segmento dos sistemas de segurança. Até março de 2018 serão contratados 240 trabalhadores, o que aumenta o número de efetivos da unidade para os 800. Em 2018, as vendas desta fábrica, apresentada como a principal unidade de videovigilância e sistemas de comunicação e deteção de incêndios deverão crescer 45%.

Só em 2016, o grupo alemão registou vendas recorde de 1,1 mil milhões de euros em Portugal, criou 400 postos de trabalho, 250 dos quais na área de I&D e investiu 100 milhões de euros.

Um dos sectores em que a Alemanha é um cliente de peso do *made in Portugal* são os têxteis. Já foi o maior mercado no início da década, caiu alguns lugares nos últimos anos, mas está, de novo, a crescer de forma sólida com progressões anuais superiores a 6%. Entre janeiro e julho, ocupava o terceiro lugar no *ranking* das exportações de têxteis nacionais, atrás da Espanha e da França.

Outro braço alemão em Portugal, é a Enercon, que entrou no país em 2006 para produzir torres eólicas em Viana do Castelo e foi o parceiro industrial do consórcio ENEOP — Eólicas de Portugal, fornecendo torres, pás e aerogeradores.

**JOÃO PALMA-FERREIRA
e MARGARIDA CARDOSO**

jpalma@expresso.imprensa.pt